

Tiradentes, festival de cinema e opiniões

Pedro Maciel Guimarães¹

19^a Mostra de Cinema de Tiradentes (Tiradentes, 22-30 de Janeiro de 2016)

A Mostra de Cinema de Tiradentes é um festival reputado por experimentar linguagens e incentivar novos autores. Criado quase que concomitantemente com a chamada “retomada” do cinema brasileiro, o festival completa 20 anos em 2017. Não foi pensado, inicialmente, para ser um local de projeção e encontro do cinema brasileiro independente e autoral, mas teve essa característica forjada com a chegada de Cléber Eduardo e Eduardo Valente à curadoria. Na cidade barroca histórica mineira de Tiradentes, ocupa três locais de projeção (um centro cultural, uma tenda na praça da rodoviária construída unicamente para o evento e que abriga mais de 500 pessoas, e a praça da cidade) e mostra longas e curtas, unicamente brasileiros. Tiradentes é uma cidade com tradição para eventos de grande porte, mas até alguns anos atrás não tinha um cinema – o centro cultural local foi readaptado para se tornar hoje, um local de exibição mesmo fora do período do festival, todas as segundas quinzenas de janeiro.



Figura 1: Projeções na praça de Tiradentes | Fotografia de Leo Lara

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Artes, Departamento de Cinema, 13.083.854, Campinas, Brasil.

Minha experiência com a mostra começou em 2011, quando fui convidado para fazer parte do time de curadores que contava com Cléber Eduardo, Eduardo Valente e Cássio Starling Carlos. A princípio, deveria compor dupla com Starling, selecionando majoritariamente os curtas de mostras não competitivas. Com o passar do tempo e mudanças na equipe, hoje ocupo, junto a Cleber Eduardo e Francis Vogner dos Reis, o lugar de curador de todas as mostras de curtas, inclusive as competitivas.

Escolher e dispor filmes de curtas metragens dentro de uma grade de programação impõe uma série de desafios à nossa experiência de espectador, pensador e formador da área do cinema. Tenho, majoritariamente, uma carreira como professor universitário da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) na graduação de Midialogia e na pós-graduação em Multimeios. O primeiro desafio é deixar essas duas faces se contaminarem. A bagagem adquirida pelo visionamento e discussão de filmes brasileiros de curtas metragens forma um rico manancial de objetos a serem levados para discussão em sala de aula. O objeto filmico passível de análises (ministro basicamente disciplinas de análise filmica, teoria do cinema e gêneros) parece, por vezes, distante demais da realidade dos jovens estudantes. Muitos deles nunca pisaram num *set* de filmagens e nem se depararam com as reais dificuldades de se construir uma narrativa audiovisual. Trazer para a sala de aula esses curtas, feitos muitas vezes por diretores pouco mais velhos que os alunos, é trazer-lhes experiências de possibilidade. É mostrar-lhes que é possível estudarmos o cinema através de Chaplin, Hitchcock, Welles e Godard, mas também através de jovens cineastas que se debruçaram sobre a obra dos mestres e que as usaram para trilhar seus caminhos, seja no sentido do reforço dos cânones, seja para reavaliá-los. E esses curtas metragens dialogam mais diretamente com temas que esses alunos vão tratar ao se tornarem, quem sabe um dia, cineastas. Por outro lado, o trabalho de professor me leva a já ter intimidade com as questões travadas em sala de aula, o que me dá outros olhares quando me deparo com filmes no momento da seleção. Ser professor nos ensina a evitar cacoetes e repetições desnecessárias de linguagem e nos tornamos *experts* em identificar essas fraquezas de expressão quando somos também curadores. A capilaridade dessas duas atividades tem sido um dos pontos altos da minha atuação como professor de cinema e curador de festivais.

Mas o desafio de ser curador de um festival com a reputação da Mostra de Tiradentes não para por aí. A produção brasileira contemporânea de curtas metragens é diversificada, coalhada de temáticas regionais e, ao mesmo tempo, de inquietações mundiais. Não é possível traçar uma classificação de formas e temas sem cair no reducionismo e na possibilidade de se cometer injustiças. Afinal de contas, são mais de 1000 filmes inscritos anualmente (se pegarmos a janela de inscrições de 3 festivais que compõem com a Mostra

de Tiradentes o “Cinema Sem Fronteiras”: a Mostra de Cinema de Ouro Preto, dedicada ao cinema patrimônio; e a Mostra CineBH, voltada para discussões de mercado e coprodução). Desse oceano de imagens, selecionamos uma média de 200 curtas para as três mostras. Poderia destacar o constante retorno dos cineastas de curtas metragens a questões pessoais e altamente subjetivas, incluindo as sexuais e de autoafirmação; a utilização de integrantes familiares como forma e tema; grande atenção dada ao “eu” do cineasta, em confronto com outras subjetivas construídas dentro do seio da família ou da sociedade; o diálogo incessante com obras do cinema mundial e gêneros já estabelecidos dentro da indústria (cinema fantástico, *road-movie*, o musical); uma necessidade vital de se falar da sua cidade, do seu bairro, da sua rua, dos problemas sociais e urbanos que atingem não só o cineastas e seus amigos e vizinhos, mas que define seu posicionamento político dentro da cidade.

Para além de uma tentativa de se desenhar nortes estéticos dos filmes brasileiros de curtas metragens, só consigo dizer que o que pauta a seleção de Tiradentes é a vontade de invenção. Um festival que se apoia na renovação de linguagem precisa ter esse espaço de transformação capitaneado pelos curtas metragens. Das seleções de longas, em Tiradentes, já saíram autores que se ilustram como grandes renovadores da forma cinematográfica no Brasil: Adirley Queiroz é o mais conhecido deles. Autor de *A Cidade é uma Só?* (2011) e *Branco Sai, Preto Fica* (2014), Queiroz vem de Brasília e faz um cinema entre o documental e o ficcional, no limiar da emergência das condições sociais da periferia da capital brasileira e num diálogo constante com gêneros (ficção-científica) e autores (Pedro Costa, Eduardo Coutinho, etc). Em Tiradentes, temos atenção particular ao surgimento e à maturação de jovens autores. Muitos deles, fazem carreira sólida nos curtas antes de chegarem aos longas, tornam-se objetos de estudos acadêmicos e de atenção da crítica, constroem uma verdadeira obra ainda dentro do formato do curta metragem, ponto comum a alguns cineastas brasileiros e estrangeiros que admiramos e amamos. É preciso, no entanto, que esses inventores de formas continuem inquietos, que não se acomodem em fórmulas estanques – inventadas por eles ou por outros. Portanto, a necessidade de se reinventar é constante e não queremos transformar Tiradentes num gueto estético. Ao contrário, damos possibilidades a todos os tipos de filmes de serem mostrados: dos mais convencionais aos mais ousados, de autores já reputados e que eventualmente voltam ao curta metragem a filmes realizados por cineastas bem jovens, dentro de algum curso de cinema.

Tiradentes criou uma identidade nos últimos dez anos que consagrou a geração pós-pós-retomada – ainda é preciso um recuo histórico maior para dar nome a essa geração conhecida até agora pela imprensa e no mundo acadêmico como “geração Tiradentes”. Talvez o nome do festival nem chegue a entrar no epíteto que será

dado a essa geração (não mais que outros festivais também importantes surgidos depois como a Janela Internacional de Cinema de Recife, o Panorama Coisa de Cinema da Bahia ou o Olhar de Cinema de Curitiba). Mas o fato é que Tiradentes deu espaço a uma demanda de visibilidade que o digital potencializou gradualmente ao longo dos anos 2000. Em Tiradentes, vimos a película ser deixada de lado em favor dos formatos unicamente digitais – pelo menos no formato curta. Essa possibilidade de acesso às imagens demandava não apenas visibilidade mas uma discussão que desse forma, categorização e desenho de autoria a essa imensa produção. Por isso, mais que mostrar filmes, incentivamos a discussão em torno deles, o estabelecimento de correlações entre obras, autores e estilos, e a inserção do curta dentro do panorama audiovisual brasileiro.

O processo de curadoria e seleção, quando feito a vários olhares, é sempre um trabalho de convencimento. Conseguimos construir, nas sessões de mostras competitivas, a Foco, dos últimos anos, um panorama do que mais inventivo passou pelas nossas retinas. Claro que a qualidade da seleção e o impacto dos filmes varia de acordo com os anos, mas conseguimos transformar a sessão Foco numa baliza estética para o ano cinematográfico de curta metragem brasileiro, que vai se completar com as demais seleções que acontecem depois de Tiradentes. A Foco premiou nos últimos anos filmes como *E* (2014), de Miguel Ramos, Alexandre Wahrhaftig e Helena Ungaretti, documentário ensaístico sobre a especulação imobiliária na cidade de São Paulo e os não-lugares de estacionamentos, lucrativos negócios espalhado pela cidade e que mata sua memória; a comédia de humor negro *Estátua!* (2014), de Gabriela Amaral de Almeida, que avança na investigação estética da cineasta sobre os efeitos sombrios do imaginário infantil; e *Noite escura de São Nunca* (2015), de Samuel Lobo, drama sobre a repressão à liberdade de expressão passada e contemporânea na cultura brasileira.

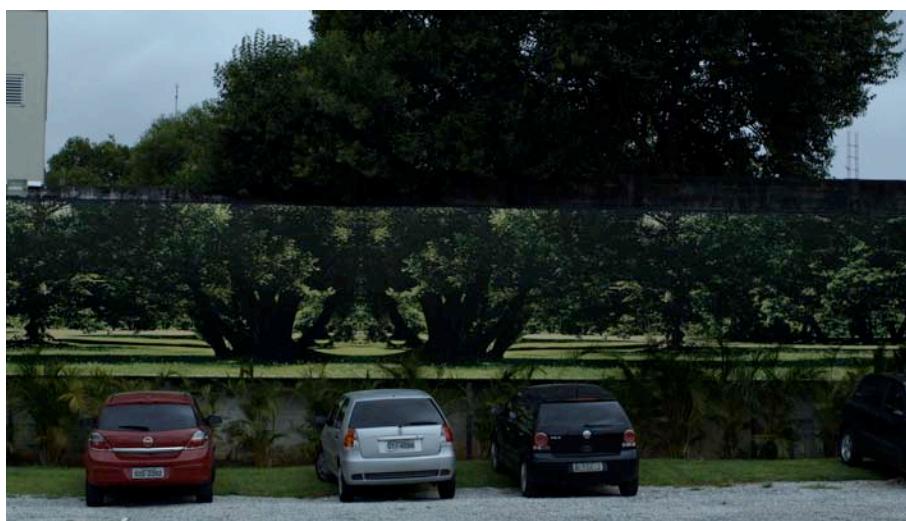


Figura 2: *E* (Miguel Ramos, Alexandre Wahrhaftig e Helena Ungaretti, 2014)
© Mirafilmes, Filmes do Vulcão



Figura 3: *Estátua!* (Gabriela Amaral Almeida, 2014) | © Lira Cinematográfica



Figura 4: *Noite Escura de São Nunca* (Samuel Lobo, 2015) | © Correria Filmes

O esforço da curadoria nunca foi de parecer uníssono. Somos e devemos ser vozes dissonantes entre si, para que a dissonância surja também nos debates que acaloram anualmente os janeiros já calorosos da cidade mineira. Nas últimas edições, criamos uma sessão apenas de filmes que racharam as opiniões da curadoria. A mostra Dissonâncias explicitava para o público e para os realizadores as divergências de opiniões que tivemos no processo de seleção. Tais sessões revelam o que as outras tendem a esconder: que o trabalho de curadoria é pautado por visões divergentes e, por vezes, contraditórias. Mas nessa contradição existe riqueza, tanto no fazer confrontar esses filmes com o público e entre si, quanto no trabalho de nos expormos enquanto formadores de opinião. Não somos nem queremos impor nossa visão de cinema, mas penso que devemos fomentar o debate, nos incluindo e nos expondo como selecionadores.